

FESTA DE SÃO BENEDITO NA IGREJA DO ROSÁRIO: MATERIALIDADE TERRITORIAL DA DEVOÇÃO EM CUIABÁ-MT

CELEBRATION OF SAINT BENEDITO IN CHURCH OF ROSARIO: MATERIALITY TERRITORIAL OF THE DEVOTION IN CUIABÁ-MT

Marcos Amaral Mendes

Mestre em Geografia Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Doutorando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
markoscuiaba@gmail.com

RESUMO

O propósito deste artigo é o de realizar uma análise sobre a dinâmica territorial da Festa de São Benedito que é realizada na Igreja do Rosário em Cuiabá. Levantamento bibliográfico e documental, observações de campo, entrevistas e análise de dados são os instrumentos utilizados na operacionalização da pesquisa. Os resultados indicam que essa festa, pela longa duração temporal e vigor demonstrados em nossos dias, constitui uma relevante manifestação do sagrado na capital do estado de Mato Grosso, importante referência para se compreender atitudes, comportamentos e formas territoriais resultantes forjadas por uma parte de seus habitantes.

Palavras-Chave: Festa de São Benedito – Igreja do Rosário – Território – Territorialidade

ABSTRACT

The purpose of this article is to perform an analysis of the territorial dynamics of the church of Rosario in Cuiabá. Bibliography and documentation, field observations, interviews and data analysis are the instruments used in the research operation. The results indicate that this celebration, due to its longevity and the strength it shows to this day, is an important manifestation of sacred in the state capital of Mato Grosso, it is an important reference for understanding attitudes, behaviors and resulting territorial patterns forged by part of the city's inhabitants.

Key-Words: The Celebration of Saint Benedito – Church of Rosario – Territory – Territoriality

INTRODUÇÃO

A invocação a São Benedito é uma das mais antigas existentes no estado de Mato Grosso. Data de 1722 a primeira capela construída em honra a este orago, por escravos africanos, na Rua ou Canto do Sebo, em Cuiabá. No entanto, conforme relata o cronista Barboza de Sá (1975), em poucos anos a capela caiu e não se levantou mais naquele local, o que levou, posteriormente, a que os devotos do santo construíssem uma capela anexa ao templo do Rosário. Com o culto ao orago se disseminando em Cuiabá, o grupo acabou constituindo uma irmandade, que, com o passar do tempo, por meio de diversas ações e práticas, estabeleceu uma territorialização sobre aquele templo alheio, o que levou a que a Igreja do Rosário ficasse mais conhecida como sendo de São Benedito, transformando essa

espacialidade em uma referência na manutenção e propagação do culto ao santo negro na área urbana de Cuiabá.

O objetivo desse artigo é analisar a dinâmica da configuração territorial da Festa de São Benedito que é realizada na Igreja do Rosário em Cuiabá. Considera-se tal festividade uma das maiores expressões da devoção ao santo na capital do estado de Mato Grosso, sendo esta uma importante referência no modo de ser e de viver dos cuiabanos, de tal forma que a devoção é sempre sublinhada como um dos símbolos da cidade de Cuiabá, uma expressão da identidade de parte dos seus habitantes.

Sendo a devoção, e a festividade dela resultante, constatou-se, na pesquisa realizada, que na Festa de São Benedito o grupo de devotos do santo estreita seu reconhecimento através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento. Essa análise é respaldada pela historiadora Mary Del Priore (2000, p. 10), para quem “[...] a alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças”.

A operacionalização da pesquisa permitiu inferir que a festa sempre ocorreu em um espaço apropriado e vivenciado pelo grupo, sendo traduzido em um território no qual seus membros estabelecem relações de poder, devidamente legitimadas pelo grupo, visando seu controle e regulação, a chamada territorialidade. Verificou-se, igualmente, que as marcas culturais construídas e impressas nesse território também subsidiam seu entendimento e sua compreensão, pois o grupo apresenta uma dada homogeneidade cultural, aparentemente coesa, ao compartilhar temporalidades, espacialidades, vivências e práticas religiosas, sendo o sagrado sua principal referência.

As discussões que orientaram o desenvolvimento do trabalho estão alicerçadas sob a ótica de uma abordagem cultural em Geografia. Esta ciência, como indicou Cosgrove (1998), está em toda parte e, naturalmente, se encontra presente nas festas, pois elas demonstram a existência humana no território, muito embora sejam “[...] manifestações culturais que se caracterizam, entre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando algumas horas, dias ou semanas” (MAIA, 1999, p. 204).

ORIGENS E REGULAÇÃO DA FESTA

Em Cuiabá, acompanhando o desenvolvimento da devoção, são realizadas festas em homenagem a São Benedito desde o século XVIII. Promovida pela irmandade ereta na Igreja do Rosário e celebrada com o título de “Festa do Glorioso São Benedito”, o qual ostenta até hoje, a referência mais antiga a essa festividade remonta a 1787 (JESUS, 2003).

Inicialmente realizada em um calendário que apresentava grandes variações ao longo do ano, oscilando entre os meses de maio e setembro, em 1897, a confraria decidiu fixar em compromisso a época em que a festa deveria ocorrer: no primeiro domingo do mês de julho. Assim, as comemorações a São Benedito foram inseridas num período em que também eram realizadas outras festas tradicionais na cidade: a Festa do Senhor Divino e os festejos juninos, no qual se destacava a Festa de São João, sendo o banho do santo à meia-noite, na passagem de 23 para 24 de junho, uma característica desses festejos. Também deve-se considerar que, no contexto da região, julho é um mês associado ao período da seca, com baixos índices pluviométricos (MAITELLI, 2005). Portanto, a festa poderia ocorrer sem o temor das chuvas torrenciais que despencam na cidade na primavera e no verão.

As informações levantadas permitiram verificar que a Festa de São Benedito que era realizada pela sua irmandade, apresentava uma geografia bem definida, sendo esta uma característica de outras festas religiosas que eram executadas em Cuiabá. O espaço profano era distinto do espaço sagrado: enquanto na Igreja do Rosário eram realizadas apenas as cerimônias religiosas, a parte profana tinha como território as residências dos festeiros, os clubes e salões, onde acontecia o baile, o leilão de prendas, o almoço e o *chá-com-bolo*, um lanche a base de bolos típicos. Os festejos profanos de São Benedito, portanto, não apresentavam uma dimensão institucional oficial, visto que o território, ou melhor, os territórios profanos da festa caracterizavam-se por serem autônomos, com significados e práticas próprias, além de normas que fugiam ao controle da hierarquia eclesiástica.

Os festeiros eram indicados pela Irmandade de São Benedito e sempre escolhidos entre pessoas da elite local (comerciantes, empresários, pecuaristas, altos funcionários públicos, políticos), visto que estes deveriam bancar as despesas com a comilança, pois a festa tinha como uma de suas particularidades a gratuidade da alimentação, que deveria ser farta. Automaticamente, ser festeiro de São Benedito era uma forma de ressaltar uma seleção social, de confirmar um pertencimento à elite local, uma vez que este precisava ter uma condição financeira privilegiada para dar conta dos gastos requeridos.

É importante ressaltar que embora a história registre que no ano de 1979 tenha ocorrido a última Festa de São Benedito promovida pela diretoria de sua irmandade, visto que nesse ano a confraria encerrou suas atividades, seus membros ainda continuaram dando as cartas na escolha dos festeiros durante os anos de 1980 e 1981. Nesse último ano, uma série de desentendimentos entre os festeiros e a administração da Paróquia do Rosário culminou com uma radical alteração em sua configuração territorial no ano de 1982, quando a festividade profana, a exemplo do que já ocorria com as celebrações religiosas, passou a ser

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

regulada e controlada por uma nova territorialidade representada pela hierarquia eclesiástica, sendo realizada, desde então, na Praça do Rosário em caráter de feira mercantilizada.

Procurando superar os conflitos ocorridos na transição da festa de 1981 para 1982, os novos administradores tentaram (re)organizar o território festivo e ao mesmo tempo adequá-lo às novas diretrizes estruturais, buscando normatizá-lo através da elaboração de um regimento. Em julho de 1987 foi elaborado o Regimento das Eleições de Festeiros de São Benedito, um conjunto provisório de normas que pontuavam apenas o processo de escolha dos encarregados de realizar a festa. O primeiro Regimento Interno da Festa de São Benedito foi aprovado em 1989, sendo revisto em 1997, 2001 e 2007 (LIVRO TOMBO).

Desde a sua primeira edição, o documento estabelece que além dos cargos tradicionais que compunham a corte festiva da irmandade (rei, rainha, juiz e juíza de vara, juiz e juíza de ramallete), o grupo de festeiros também seria composto pelo capitão-do-mastro e pelo alferes de bandeira. Chamados de titulares, os ocupantes desses cargos passam por um processo de escolha que ocorre no mês de maio. Seus nomes são anunciados no final da missa do domingo da Festa de São Benedito. A tomada de posse ocorre na cerimônia de descerramento do mastro, na última terça-feira de julho, após a missa da madrugada.

O Regimento Interno também prevê a existência dos festeiros promessários, isto é, que fizeram uma promessa ao santo “[...] e se sentem na obrigação de realizar algum trabalho antes, durante e após as festividades” (MENDES, 2008, p. 35). Como parte constituinte do pagamento de uma promessa, esses festeiros desempenham um papel fundamental na festa, executando tarefas como: realizar peditórios, socar a paçoca no pilão, limpar os banheiros, armar as barracas, transportar as panelas de comida, servir o jantar, recolher o lixo, entre outras.

O Regimento Interno proíbe que candidatos a cargos públicos venham a ser festeiros. Constatou-se, no entanto, que como 2010 foi ano de eleições gerais no país, os sujeitos com pretensões políticas se tornaram assíduos frequentadores da festa. Todos os principais candidatos ao cargo de governador e senador, além de outros que disputavam os cargos proporcionais de deputado estadual e federal, se fizeram presentes na festa, incluindo a missa e a procissão, sempre procurando ocupar os primeiros lugares nas cerimônias. Demonstrando ser essa uma prática comum no país, nos estudos empreendidos por Rosendahl sobre os santuários de Muquém, em Goiás, e Santa Cruz dos Milagres, no Piauí, a geógrafa também observou

[...] notável comercialização do sagrado pelos políticos, pois tanto no Muquém como em Santa Cruz dos Milagres, em ano de eleições, diversos candidatos a governador do estado, deputados e prefeitos distribuíram propaganda, bem como estiveram presentes nas cerimônias religiosas (ROSENDAHL, 1999, p. 49).

O Regimento Interno estabelece que “A Festa de São Benedito compõe-se de um tempo remoto, de um tempo de festejos intensos e de um tempo intermediário entre o remoto e o de festejos intensos” (LIVRO TOMBO, v. 3, p. 105). O documento esclarece que o tempo remoto inicia-se na tomada de posse dos novos festeiros, na última terça-feira do mês de julho e encerra-se na última terça-feira do mês de fevereiro, quando a Comissão de Festeiros deve divulgar o orçamento do tempo intenso da festa. Em seguida, inicia-se o tempo intermediário, que é concluído em maio, quando começa a visita das imagens peregrinas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário pelas comunidades que compõem a Paróquia do Rosário. Nessa data tem início o tempo dos festejos intensos, no qual se insere o tempo sagrado da festa, que é encerrado na última terça-feira de julho.

Embora a maioria das atividades da festa ocorra no período dos festejos intensos, as atividades da Comissão de Festeiros não se atêm a ele. Durante todo o ano são realizadas promoções destinadas a mobilizar os devotos e arrecadar fundos para a realização da festa: *chá-com-bolo* após a missa da madrugada, jantar com comidas típicas após a missa noturna, venda de cartelas de prêmios, almoços dominicais, entre outras.

No Quadro 1 é exposta a programação completa da Festa de São Benedito realizada em 2010.

QUADRO 1 – Programação da Festa de São Benedito de 2010

Data	Evento
11/04 a 02/06	Peregrinação das imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário
25/05 a 21/06	Visita da bandeira
04/06	Lançamento de selo e cartão-postal pelos Correios
25/06	Baile de abertura da Festa de São Benedito no Cenarium Rural
28/06	Reza cantada (18h00)
29/06	Missa e cerimônia de levantamento do mastro (a partir das 5h00)
01/07	Primeiro dia do tríduo: missa e chá-com-bolo (a partir das 5h00) Jantar, baile e apresentações culturais (a partir das 19h00)
02/07	Segundo dia do tríduo: missa e chá-com-bolo (a partir das 5h00) Jantar, baile e apresentações culturais (a partir das 19h00)
03/07	Terceiro dia do tríduo: missa e chá-com-bolo (a partir das 5h00) Jantar, baile e apresentações culturais (a partir das 19h00)
04/07	Dia da festa: missa e chá-com-bolo (a partir das 5h00) Apresentações culturais (a partir das 9h00) Almoço (a partir das 11h00) Procissão (17h00) Jantar, baile e apresentações culturais (a partir das 20h00) Cerimônia de encerramento (24h00)

Fonte: Livreto da Festa de São Benedito 2010

Nota: organização do autor

DA VISITA DAS IMAGENS À CERIMÔNIA DO MASTRO

Abrindo o tempo dos festejos intensos, a visita das imagens peregrinas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, orago principal da paróquia, pelas comunidades paroquiais é um ritual que teve início em junho de 1984 (LIVRO TOMBO, v. 1) como uma das estratégias que os novos reguladores da festividade desenvolveram para mobilizar e convidar os paroquianos para participar da festa, objetivo que foi mantido nas festas posteriores.

Na festa de 2010, a visitação das imagens teve o seu início no dia 11 de maio, saindo em procissão da Igreja do Rosário em direção à Igreja São Judas Tadeu, que é a comunidade paroquial situada mais próxima do templo sede. Realizada sempre no período noturno, o deslocamento para as comunidades mais distantes era facilitado por um ônibus que a Comissão de Festeiros contratou para levar e trazer os devotos que se concentravam na Igreja do Rosário.

Revelando que a festa se aproxima, os eventos são intensificados, e antes mesmo do término da peregrinação das imagens, inicia-se a visita da Bandeira de São Benedito. A programação fornecida pela Comissão de Festeiros revela que a visita da bandeira ocorreu no período entre 25 de maio e 21 de junho. E, ao contrário dos anos anteriores, em que a primeira visita era realizada no Palácio Paiaguás, sede do poder administrativo estadual, sendo recebida pelo governador, em 2010 o roteiro teve o seu início no Palácio Alencastro, sede do poder administrativo municipal, onde foi recepcionada pelo prefeito. Tendo cumprido um extenso roteiro, que abrangeu vários bairros, a bandeira sempre teve o cuidado de não passar pelo mesmo lugar anteriormente percorrido.

Ressalta-se que a Bandeira de São Benedito percorreu comunidades que pertencem a outras paróquias existentes na cidade. De acordo com o Padre José de Moura e Silva, vigário paroquial, ao contrário de épocas pretéritas em que os festeiros de São Benedito tinham que pedir autorização ao arcebispo para que a bandeira pudesse cumprir um itinerário fora do território da Paróquia do Rosário (ALMANAQUE DE SÃO BENEDITO, 1976), nos tempos atuais é necessária apenas a anuência do pároco local. O sacerdote também revela que ocorrem muitos pedidos que são encaminhados por paróquias que desejam receber a visita da

bandeira, inclusive de Várzea Grande, uma comprovação da grande aceitação que o culto a São Benedito desfruta na Baixada Cuiabana.

Na busca por compreender esse ritual e seus significados, acompanhou-se a visita ocorrida no dia 17 de junho de 2010. A concentração da comitiva é na Igreja do Rosário. Às 8h00 da manhã todos se reúnem na Capela de São Benedito, em cujo altar do santo fica depositado o par de bandeiras e de coroas que acompanharão a visita. Antes da saída os coordenadores passam instruções e recomendações e uma pequena cerimônia religiosa é conduzida pelo pároco, o Padre Hildo. Então a comitiva, sob rojões e o som da banda que executa o Hino de São Benedito, se dirige para o ônibus que a conduzirá para a região que consta no roteiro.

Ritual que rememora uma prática da Irmandade de São Benedito, em que os irmãos com “[...] pés no chão, [saíam] esmolando como forma de pagar uma promessa ou um irmão vestido com a opa da confraria, bandeira numa mão, na outra a bandeja de esmolos, angariando fundos para a festa em homenagem ao santo protetor” (DEL PRIORE, 2000, p. 68), o grupo de devotos esmoleiros levam duas bandeiras com a efígie de São Benedito embutidas em hastes enfeitadas com fitas, além de duas coroas que são postas sobre as cabeças dos devotos. Tal como na irmandade, o desprendimento que os devotos demonstram ao sair pelas ruas angariando esmolos para a realização da festividade é evidenciado no depoimento prestado por Claudio Assis, coordenador da bandeira, para quem

A bandeira, na realidade, é um ato de humildade. É onde você sai pedindo doações para que nós possamos fazer as nossas obras sociais. E o ato de pedir é um ato de humildade. Daí a devoção ao São Benedito que tem na sua oração a humildade. [...] Quando eu saio aqui na bandeira eu me sinto como um estranho fora do ninho [...] porque é uma zona de medo, onde você tá se expondo, às vezes até sendo considerado ridículo. Mas, pra mim é um ato de humildade, de fé, de reflexão. Então eu fico refletindo sobre isso. Se cada um de nós doasse um dia pra arrecadar donativos pras nossas obras sociais, eu acho que a gente melhoraria bastante (Claudio José de Assis, 53 anos).

Sempre acompanhada por uma banda de música contratada pela Comissão de Festeiros e que toca canções religiosas identificadas com São Benedito, músicas regionais e hinos de clubes de futebol da Baixada Cuiabana, a Bandeira de São Benedito é anunciada por muito foguetório. Portanto, ela “[...] nunca chega silenciosa, sendo praticamente impossível ficar indiferente à sua passagem” (MENDES, 2008, p. 43).

A Bandeira de São Benedito tem por missão uma jornada a cumprir. Ela caminha por um roteiro previamente estabelecido, visitando residências e estabelecimentos comerciais

onde angaria as esmoladas ofertadas em espécie para a festividade do santo, que são depositadas em malotes lacrados com cadeados. Tomou-se conhecimento que em épocas passadas os devotos amarravam a oferta diretamente nas fitas que pendiam da haste, seguindo um costume marcado por muitas crendices, pois dependendo do número de pedidos direcionados ao santo no momento da oferta, igual número de nós teria que ser dado na fita que pendia da haste.

Outra regra que deve ser religiosamente cumprida, esta por quem recebe a missão de conduzir a bandeira, é a de que ao entrar e sair de uma casa ou estabelecimento comercial, a haste da bandeira tem que estar voltada na direção de quem lhe deu acolhida. Segundo Claudio Assis

Essa também é outra tradição que muitas pessoas não sabem. Mas a bandeira entra de um jeito e sai de outro jeito na casa da pessoa. Ela entra de frente e sai de frente [...] que é pra voltar sempre. É uma tradição: “Eu quero que a bandeira volte à minha casa”. Então, eu acho que seguindo aquela tradição, eu vou sair de sua casa por onde eu entrei, porque eu quero voltar na sua casa. Então assim é a bandeira. Como ela entra, ela sai. E só tem um jeito dela entrar, que é o mastro pra frente (Claudio José de Assis, 53 anos).

Em 2010, a Comissão dos Festeiros tentou realizar um cadastro prévio das residências que desejavam receber a visita da bandeira, mas segundo informou Vagner Pimenta, rei da festa, o número de devotos que preencheu as fichas previamente distribuídas ficou muito aquém das expectativas. Percebeu-se, no entanto, que a comitiva já tinha conhecimento das residências e estabelecimentos comerciais que faziam questão de receber a visita da bandeira, provavelmente devido ao fato dela sempre seguir o mesmo roteiro territorializante todos os anos. Infere-se, desse modo, que a bandeira apresenta um território próprio, que desperta sentimentos de alegria, prazer e afetividade que resultam do encontro da comitiva com os devotos do santo.

Evidenciou-se que a visita da bandeira é um símbolo de grande ressonância e significado no território da devoção ao santo. Ela é amada, respeitada e esperada pelos devotos. Esses sentimentos positivos eram sutilmente demonstrados em frases como: “Hoje eu não fui trabalhar só pra receber a Bandeira de São Benedito”. Ou: “A bandeira nunca passa lá no meu bairro, então eu venho pra casa de meu filho, porque este é um compromisso que eu tenho para com São Benedito”. O respeito e a veneração eram evidenciados quando a bandeira chegava às residências: ela era beijada e passada por cima das cabeças das pessoas,

além de ser levada para abençoar os cômodos da casa. Esse ritual também foi repetido nos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços.

Cabe ressaltar que em cumprimento ao pagamento de uma promessa ou seguindo uma tradição familiar, algumas famílias que vão receber a bandeira deixam acordado previamente com a Comissão de Festeiros que irão oferecer *chá-com-bolo* ou almoço para a comitiva, momento em que o grupo realiza uma parada para descansar. Seguindo as tradições regionais, foi constatado que no *chá-com-bolo* geralmente é servido francisquito, bolo de queijo e bolo de arroz, tradicionais quitutes cuiabanos, embora outros tipos de salgadinhos também possam ser distribuídos. O acompanhamento é chá e refrigerante, mas os músicos tradicionalmente recebem cerveja. No almoço o cardápio geralmente é maria izabel, farofa de banana e feijão empamonado, muito embora outros pratos regionais também possam ser oferecidos pelas famílias devotas: mujica de pintado, pacu frito, carne seca com banana verde, paçoca de pilão, sarapatel e galinha com pequi.

De visitação em visitação, percebeu-se, no entanto, que nem todas as portas se abriram. Entre as causas comumente apontadas pelos coordenadores e membros da comitiva para essa recusa estavam o desconhecimento de nossas tradições pelos migrantes que passaram a residir na cidade e o fundamentalismo demonstrado pelos membros de outras pertencas religiosas que nem sempre apresentam um olhar positivo em relação a determinadas práticas católicas.

Na visitação da bandeira, percebeu-se que os contornos do território da devoção são nítidos, pois esta, entre uma casa e outra, era ansiosamente aguardada pelos devotos do santo, conforme relatado anteriormente. A bandeira, portanto, é uma componente estruturante do território da devoção, sendo forjada pela comitiva de esmoleiros que a acompanha. Nesse sentido, Rosendahl (2003, p. 195) esclarece que “A territorialidade engloba, ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que constituem seu território”. Concordando com a geógrafa brasileira, o geógrafo francês Jöel Bonnemaïson oferece outros elementos que subsidiam a compreensão dessa realidade:

Um território é, sobretudo um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. [...] No interior desse espaço-território, os grupos [...] vivem uma certa relação entre o enraizamento e as viagens. [...] A territorialidade se situa na junção dessas duas atitudes; ela engloba simultaneamente aquilo que é fixação e aquilo que é mobilidade – dito de outra maneira, os itinerários e os lugares (BONNEMAISON, 2002, p. 99).

Demarcando o território da festividade e anunciando o tempo sagrado, a Festa de São Benedito inicia-se com a cerimônia de levantamento do mastro, conduzida pelo capitão-do-mastro, que ocorre após a missa da madrugada realizada na terça-feira da semana da festa. Um dos elementos simbólicos mais importantes da festa do orago, o mastro é encimado por uma estampa com a efígie de São Benedito.

Tradição ancestral, o mastro é um símbolo relacionado ao elemento masculino. Informam os depoentes que em épocas pretéritas eram os homens que se encarregavam dele no dia do buscamo, do levantamento e do descerramento. O festeiro que ocupa o cargo de capitão-do-mastro, responsável pelo ritual de levantamento e descerramento, também é uma pessoa do sexo masculino. De acordo com a historiadora Mary Del Priore (2000) em suas origens, na Europa do Antigo Regime, o mastro marcava sobretudo as comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro. Referenciando-se em Câmara Cascudo, a autora citada informa que “[...] conservou-se no Brasil a tradição de o mastro de São João ou do orago da freguesia ser erguido diante da igreja com música, cantos e foguetes, ao iniciar-se a função votiva” (DEL PRIORE, 2000, p. 34).

O mastro é um símbolo que dialoga com os festantes: da mesma forma que marca o início da festividade, assinala seu término. Em uma cerimônia acompanhada por inúmeros devotos, na última terça-feira do mês de julho, também após a missa da madrugada, ocorre o seu descerramento, “[...] momento em que é cerimoniosamente guardado, pois já cumpriu sua função” (MENDES, 2008, p. 41). O ciclo festivo é então concluído com a passagem das insígnias para os próximos festeiros.

CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DA FESTA

Celebrada há quase 230 anos, a Festa de São Benedito atrai anualmente inúmeros frequentadores, provenientes de diversos pontos da cidade, de outros municípios ou mesmo de outros estados. Os números impressionam: a estimativa da Comissão de Festeiros é de que nos quatro dias da festividade de 2010 compareceram 150 mil pessoas nas cerimônias religiosas e nas atividades profanas.

Esse número ganha uma dimensão ainda maior se for considerado que a Festa de São Benedito sofre concorrência direta com outros dois grandes eventos que ocorrem neste período: o Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães e a Exposição Internacional, Agropecuária, Industrial e Comercial de Mato Grosso (Expoagro) que ocorre no Parque de Exposições de Cuiabá. Cabe ressaltar também que a Festa de São Benedito constitui uma alternativa de lazer para aqueles que não dispõem de recursos financeiros para ter acesso à

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

programação do evento, pois enquanto no Festival de Inverno e na Expoagro as pessoas precisam pagar para assistir aos shows, na Festa de São Benedito eles são gratuitos.

Também é importante destacar que a festa apresenta outra marca que a distingue desses dois eventos concorrentes: enquanto naqueles são contratados artistas de projeção nacional para se apresentarem, na Festa de São Benedito a preferência é por artistas e manifestações identificados com a cultura local, seguindo uma determinação estabelecida no próprio regimento que afirma que a festa apresenta como um dos seus objetivos “[...] manter e revitalizar a cultura e as tradições cuiabanas” (LIVRO TOMBO, v. 3, p. 104).

Para receber os devotos e os festantes, uma estrutura especial é prevista e preparada na Praça do Rosário: barracas que vendem comida, bebida e lembranças são instaladas; banheiros químicos são providenciados; mesas e cadeiras são alugadas; os órgãos públicos que cuidam do trânsito e da segurança mandam contingentes de apoio; palcos para os eventos profanos e as celebrações religiosas são montados; esquemas de atendimento médico de emergência são ativados; equipes de voluntários são mobilizadas; empresas que prestam serviços terceirizados são contratadas; shows e eventos culturais são programados.

A implantação desse esquema só é possível porque a Comissão de Festeiros aciona uma série de apoios para a sua realização. Verificou-se que essa questão sempre constituiu uma preocupação dos festeiros, e as mais diversas estratégias foram tentadas, ao longo dos anos, para que recursos pudessem ser levantados. Na festa de 1996, por exemplo, “[...] o Rei [Wilson] Amísio tentou captar dinheiro pelo disk São Benedito, mas nada conseguiu” (LIVRO TOMBO, v. 2, p. 166).

Então, na festa do ano 2000 “[...] os Festeiros de São Benedito encontraram na Lei de Incentivo à Cultura um modo de conseguir dinheiro para a Festa de São Benedito, que movimentarão daqui para frente” (LIVRO TOMBO, v. 2, p. 195). A referida lei beneficia projetos que resgatam a cultura mato-grossense, através de renúncia fiscal abatida do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) que as empresas patrocinadoras devem recolher para o tesouro estadual. Segundo informou Vagner Pimenta, a Festa de São Benedito de 2010 foi contemplada com R\$ 40.000,00 (quarenta mil reais) da Lei de Incentivo à Cultura do Estado de Mato Grosso, valor que foi aplicado na montagem do palco para as apresentações artísticas e culturais.

Em que pese a Festa de São Benedito contar com o patrocínio de médias e grandes empresas, que se torna visível, por exemplo, na publicidade das camisetas que são fornecidas para os voluntários que trabalham na festa e nos *banners* que são espalhados no território do evento, a maioria das doações provém dos devotos. De acordo com Vagner Pimenta, essas

Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

doações não se limitam às esmolas que são recolhidas pela visita da bandeira. Campanhas são desencadeadas nas missas incentivando as doações dos mais diversos gêneros (alimentos, especiarias, materiais descartáveis, utensílios de cozinha, entre outros) que são encaminhados ao almoxarifado existente na Casa de Festa, situada no prédio da antiga Escola Paroquial São Benedito.

Outrossim, apesar da ressalva de que o “o poder público não colabora como acho que deveria” e do relato de que sua ajuda não é conseguida com facilidade, Vagner Pimenta afirma que o Estado e o Município marcaram presença na festa de diversas maneiras:

Esse ano, talvez seja um dos anos em que mais se conseguiu contribuições dos órgãos públicos. Por exemplo, a doação de todo o som, tanto pra show quanto pra celebração. Se nós fossemos fazer a locação [...] do palco do show, porque o da celebração é da paróquia, isso aí gastaria em torno de quarenta mil reais nos quatro dias. E isso foi doado pelo governo do estado. [...] Quanto à prefeitura, [...] a Secretaria Municipal de Transportes, foi a única secretaria que realmente veio, foi extremamente participativa no trânsito. Eles concordaram em fechar aqui a [Avenida] Coronel Escolástico, colocaram guardas, os amarelinhos, que desviaram o trânsito [...] tiveram uma boa vontade muito grande. A Secretaria de Infraestrutura colaborou com a limpeza aqui no pátio todo da paróquia; isso nos quatro dias. Mas, óbvio que nós tivemos que juntar com a nossa equipe pra fazer uma limpeza adequada. Eles faziam a limpeza do grosso, vamos dizer assim. São os dois órgãos da Prefeitura que realmente tiveram uma participação no evento (Vagner Luiz Pimenta, rei da festa de 2010, 53 anos).

A essa discussão sobre quem colabora com a festa, tomou-se conhecimento de que, apesar dos apoios recebidos, eles são insuficientes para cobrir todos os custos do evento. Nesse sentido, e remetendo à questão do poder social e financeiro do festeiro que precisa ser acionado para viabilizar a festa, Vagner Pimenta revela que o desembolso de capital é

[...] inevitável quando você é rei. Pela própria tradição de antigamente, quando os reis e rainhas [...] faziam a festa e doavam tudo. Hoje, infelizmente pela quantidade de pessoas é humanamente impossível um rei fazer isso. Mas você contribui. Por exemplo: toda a parte de mídia da festa [...], como eu tenho empresa nesse segmento [...], eu fiz toda a doação. Tudo o que você viu de *outdoor* na cidade; tudo o que você viu de material na igreja [...] colocado nos vitrais; todas as lonas que você viu aqui na festa, inclusive os *banners*, foi tudo minha empresa. Eu doei tudo. Agora, além disso outros itens. Na parte de alimentos a gente sempre compra bastante coisa. Você contribui, mesmo quando você está fazendo as promoções, no caso os jantares, a feijoada, os eventos pra gente angariar recursos, acaba que você tem que colocar do bolso (Vagner Luiz Pimenta, rei da festa de 2010, 53 anos).

Antecipadamente a programação da festa é divulgada pela mídia impressa, falada e televisionada, que também realiza uma grande cobertura do evento. Além disso, cartazes e *outdoors* são espalhados em diversos logradouros públicos. Em 2010 a Comissão de Festeiros firmou uma parceria com a TV Centro América, afiliada local da Rede Globo, e com a Mega FM, emissora de rádio, que segundo o rei da festa, contribuíram para dar uma maior visibilidade ao evento.

É tradição na Festa de São Benedito sua divulgação através de livretos, antigamente chamados de almanaques. Sempre em formato tablóide, esses livretos apresentam um número variável de páginas, que contém várias informações sobre a festa, a igreja, uma hagiografia resumida do santo, além da programação desenvolvida no tempo dos festejos intensos. Notou-se, através da análise de diversos livretos, que eles sempre apresentavam o mesmo texto básico, sendo apenas atualizadas as datas da festa e das celebrações, bem como a programação do evento. Em 2010, o livreto foi substituído por um convite impresso em material de acabamento e qualidade superior, sendo o texto totalmente reformulado.

No programa de divulgação da festa de 2010, ainda constou uma cerimônia realizada nas dependências do templo, no dia 4 de junho, em que os Correios lançaram um selo e um cartão-postal homenageando a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Capela de São Benedito. Segundo o material que foi distribuído na cerimônia, eles fazem parte da Série Arquitetura e Festas Religiosas, que ainda inclui os selos “350 anos do Mosteiro de São Bento de Sorocaba/SP” e “Festa do Divino Pai Eterno – Trindade/GO”. No selo, sob um fundo que evoca as cores da bandeira de Mato Grosso, são mostradas a fachada da igreja e as imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, além de devotos e bandeirinhas que lembram a Festa de São Benedito. No cartão-postal, com exceção das imagens de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que foram suprimidas, os motivos foram repetidos. O selo apresentou uma tiragem de 300.000 exemplares e estampou um valor facial de R\$ 1,10 (um real e dez centavos), enquanto o cartão-postal teve uma tiragem de 3.000 exemplares e foi comercializado ao preço de R\$ 1,00 (um real) cada (CORREIOS, 2010).

Percebeu-se que na Festa de São Benedito os reguladores do território estabelecem uma qualificação dos espaços sagrado e profano, que são tratados como partes distintas e passíveis de separação, pois as “[...] formas espaciais ali existentes [...] cumprem funções diretamente associadas ao roteiro devocional e às demandas dos devotos no santuário”, visto que “os elementos que configuram o espaço organizam-se segundo uma lógica singular decorrente de sua articulação com o sagrado” (ROSENDAHL, 2003, p. 192). Partindo-se dessa perspectiva, identificou-se que o espaço sagrado na Festa de São Benedito é “[...] Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

caracterizado por sua sacralidade máxima, expressa por uma materialidade à qual se atribui grande valor simbólico”, no caso a Igreja do Rosário, e o espaço profano seria “[...] aquele em torno do espaço sagrado, caracterizado pela existência de elementos que não possuam sacralidade” (ROSENDAHL, 2003, p. 209).

O sagrado, portanto, impõe uma valorização que estabelece uma segregação espacial na festa. Ao analisar o espaço sagrado no santuário do Bom Jesus Crucificado em Porto das Caixas, no Rio de Janeiro, Rosendahl (1997) esclarece que no tempo comum o espaço sagrado desse santuário fica reduzido ao ponto fixo e seu entorno, mas que no tempo sagrado, quando o fluxo em direção ao fixo aumenta, este é ampliado, incorporando parte do espaço profano. Constatou-se que tal dinâmica também ocorre na Festa de São Benedito. Como a Igreja do Rosário não tem condições de abrigar o grande número de devotos que participam das missas, um palco é montado em uma das laterais da Praça do Rosário, exclusivamente para as celebrações religiosas. Nesse espaço profano, que se torna sacralizado, os reguladores do território não permitem que barracas que comercializam produtos sejam montadas, tanto pela paróquia quanto pelos moradores desse entorno. Um palco distinto é montado para as apresentações profanas que ocorrem no trecho interditado da Avenida Coronel Escolástico.

Essas duas dimensões da festa também ocorrem em períodos distintos: as celebrações religiosas são realizadas na alvorada do dia, e as atividades profanas no período noturno. Numa tentativa de se evitar uma eventual profanação do espaço sagrado, o acesso à igreja é negado e suas portas permanecem fechadas nos quatro dias de festa, inclusive durante a realização da missa campal. Cuidado que se justifica, pois para o homem religioso o profano nunca deve invadir o sagrado, porque se assim ocorrer este perde tal distinção. A porta da igreja só é aberta às 17h do domingo para a saída dos andores, das insígnias e das bandeiras que acompanham a procissão, sendo imediatamente cerradas.

Do ponto de vista da configuração territorial, percebeu-se que a Festa de São Benedito irradia-se a partir da Praça do Rosário, tomando o calçadão conhecido como Pelourinho, uma quadra da Rua Corumbá e da Rua São Benedito, além de um trecho da Avenida Coronel Escolástico que fica interditado entre 19h e 01h da madrugada, para a realização dos shows e das apresentações culturais. No sábado e domingo da festa, a Praça do Rosário fica completamente lotada, e as imediações da festa são tomadas por vendedores ambulantes.

Infere-se, dessa forma, que a Festa de São Benedito altera a dinâmica espacial local, com a intensificação dos fluxos em direção ao fixo; a interdição de algumas ruas; a modificação do trânsito no território da festa e no percurso da procissão; a transformação de ruas, praças e garagens em estacionamentos; além de promover uma reconfiguração e

alteração da funcionalidade da Praça do Rosário, transformada em uma feira mercantilizada. Esta (re)organização do território utilizado para a realização da festa e suas funcionalidades, são destacadas pelo geógrafo Carlos Eduardo Santos Maia, para quem

[...] grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõem para a sua realização (ponto central): ruas, praças, etc. Mas, tão logo cesse o período ou momento extraordinário, tais formas retomam a sua função habitual (MAIA, 1999, p. 204).

Com base em uma tipologia proposta pela geógrafa Zeny Rosendahl (1997), identificou-se que o espaço profano na Festa de São Benedito pode ser qualificado em espaço profano diretamente vinculado ao sagrado, espaço indiretamente vinculado e espaço remotamente vinculado ao sagrado. É importante destacar que as atividades desenvolvidas nesses espaços procuram atender as necessidades de consumo dos devotos e festantes e, embora sejam diferenciadas, as atividades ocorrem simultaneamente, seguindo uma lógica própria, o que contribui para uma movimentação constante e uma sensação de caos.

A Praça do Rosário é ocupada por barracas padronizadas, em estrutura metálica, cobertas por um toldo branco, dispostas em fileiras laterais, e que só são desarmadas após o término da festividade. Esse é o espaço profano da festa diretamente vinculado ao sagrado, que também inclui os trechos interditados das ruas Corumbá e São Benedito e da Avenida Coronel Escolástico. Esse espaço “[...] consiste no conjunto de atividades não religiosas que apresenta uma articulação com o sagrado” (ROSENDAHL, 1997, p. 132). Portanto é o território regulado e gerenciado pelos festeiros e administradores do sagrado e, apesar das barracas ficarem sob a responsabilidade de algumas comunidades paroquiais e famílias devotas, todo o seu lucro é revertido em benefício da festa.

Nas barracas que são montadas no espaço profano diretamente vinculado ao sagrado são comercializadas comidas típicas oferecidas pela Cozinha de São Benedito, além de outras que oferecem um cardápio mais variado, que são de responsabilidade de famílias devotas. Também podem ser encontradas bebidas, doces e tortas. Vale registrar que todos que trabalham nessas barracas são voluntários. Nesse momento a devoção ao santo os une, ocorrendo uma afetividade entre eles, pois todos se consideram irmanados em uma mesma causa, dando, assim, um sentido e uma inteligibilidade a essa prática.

No Bazar de São Benedito são comercializados bens simbólicos, ou seja, “[...] mercadorias que possuem valor de uso e que, em determinado contexto cultural, passam a ter

associado o valor simbólico” (ROSENDAHL, 2003, p. 189). Identificou-se que esses bens simbólicos são comercializados como lembranças da festa que o devoto leva para sua casa para rememorar-la. Essas lembranças podem ser camisetas, bonés, CDs, livros ou canetas, que trazem geralmente a imagem do santo estampada em algum ponto de sua superfície. Também são encontradas imagens de São Benedito e de outras santidades do devocionário popular. Nas falas coletadas entre os devotos, ficou manifesto que esses bens, ao expressarem a revelação do sagrado, apresentam a função de introduzi-lo na vida cotidiana, pois

O bem religioso está profundamente comprometido com o sagrado e, como tal, é marcado por signos e significados; mas deve ser reconhecido também como fornecedor de regras e sentidos aos grupos religiosos. É o bem simbólico que dá sentido e significado às práticas religiosas de diferentes grupos (ROSENDAHL, 2003, p. 190).

Ao analisar o comportamento dos romeiros em um santuário, Rosendahl (1997, p. 140) esclarece que a vivência do sagrado “[...] está expressa num código próprio produzido pelo imaginário social em suas relações reais entre o devoto e o santo”. Nesse sentido, constatou-se, através de conversas informais com os devotos de São Benedito, que o consumo que estes realizam no espaço profano diretamente vinculado ao sagrado é concebido como uma forma de desprendimento material que os aproximam do santo, já que uma parte da renda da festa é revertida para a manutenção do templo e do próprio culto do orago.

Como espaço profano indiretamente vinculado ao sagrado, identificou-se o Calçadão do Rosário, também conhecido como Pelourinho, e as inúmeras barracas de vendedores ambulantes que ficam dispersas no entorno da festa, aproveitando o caminho obrigatório que os devotos e festantes utilizam para chegar à Praça do Rosário. Segundo Mendes (2008, p. 59) “O lucro desse comércio é totalmente apropriado pelos ‘donos da barraca’, na medida em que não são taxados pelo poder público municipal e tampouco destinam parte de seu lucro aos agentes organizadores da festividade”. Portanto, nesse território, os reguladores da festa não estabelecem normas e princípios sobre os quais os devotos e os festantes devem se orientar; ela é gerida pelos donos das barracas que afirmam uma territorialidade própria em suas interações.

No Pelourinho as barracas não são padronizadas, podendo ser de madeira ou liga metálica, em tamanho variado, além de sua distribuição espacial seguir uma ordem diferente da que vigora na Praça do Rosário. Verificou-se que, além de comida e bebida, essas barracas oferecem outros produtos e atrações, como jogos (roleta, tiro ao alvo, argolas), brinquedos de

parque de diversão (pula-pula, apresentação de palhaços), além de serviços e mercadorias oferecidos por *hippies* (tatuagem e artesanato). Nas imediações da festa, os vendedores ambulantes trabalham em pé e oferecem principalmente comida (espetinhos, sanduíches) e bebida.

Em relação às barracas que são montadas no Pelourinho, verificou-se que elas pertencem aos moradores do Calçadão do Rosário, um total de quinze famílias que organizaram uma associação presidida pela devota Benedita Auxiliadora, a Betinha. Tomou-se conhecimento de que essa iniciativa surgiu quando a festa profana passou a ser realizada na Praça do Rosário, em 1982, pois diversos ambulantes se instalavam nesse local. Daí a necessidade da constituição de uma associação como mecanismo para que os moradores pudessem reapropriar e legitimar esse território.

Para além dessa questão, a Paróquia do Rosário, no processo de estabelecimento de sua territorialidade sobre a festa, desejava estender os limites de seu território sobre esse espaço, o que resultou em inúmeros conflitos entre os moradores e os administradores do sagrado, afinal a Festa de São Benedito, pela proximidade espacial, representa para os moradores do calçadão, não apenas uma oportunidade de lazer, mas também a chance para se conseguir uma renda extra, já que muitos se tornam barraqueiros durante os festejos. Percebeu-se, na versão apresentada por Dona Betinha, que a luta dos moradores do Pelourinho, após a expulsão dos ambulantes, teve que ser voltada contra os administradores do sagrado que insistiam em estender um controle sobre aquele território, visto que na percepção destes os festantes não conseguiam discernir onde começava e terminava o espaço da festa cujo capital era destinado à instituição religiosa.

É necessário ressaltar que o tempo sagrado da Festa de São Benedito é um marco importante não apenas para as atividades que se desenrolam sob o controle da Igreja, mas também para aquelas que se desenvolvem fora do território de seu domínio, pois além dos barraqueiros fixos do calçadão, diversos ambulantes se instalam nas proximidades, uma demonstração de que “[...] comércio e religião são atividades associadas” (ROSENDAHL, 1999, p. 68), e de que múltiplas territorialidades se fazem presentes na festa. Em sua lógica de funcionamento, a partir do ponto de vista de quem sujeita e de quem é sujeito, os múltiplos poderes permitem a existência de diversos territórios na mesma festa. Portanto, o fato de os moradores do calçadão terem constituído uma associação é um indicativo de sua resistência na defesa de um território cujo controle estava em disputa.

As informações prestadas pelos depoentes também evidenciam que quando os administradores do sagrado falhavam em suas tentativas de impor um controle sobre aquele

território, estratégias eram desencadeadas no sentido de que houvesse uma separação, ou uma tentativa de separação, até mesmo através de interdições físicas, a despeito da disposição dos moradores em negociar através de uma associação.

De acordo com Dona Betinha, a relação pacífica entre os moradores do calçadão e os administradores do sagrado foi estabelecida na festa ocorrida em 2007, ocasião em que foi firmado um acordo com o novo pároco, Padre Pedro Canísio Schroeder, que legitimou aquele território para os moradores. Ressalte-se que o episódio, ao expor disputas territoriais entre dois grupos vizinhos, evidenciou os conflitos presentes na festa, mas igualmente expôs as estratégias desencadeadas na busca por firmar e instituir um poder sobre uma espacialidade, pois o território constitui uma referência para determinado grupo social que nele reconhece um pertencimento e estabelece uma territorialidade.

Nas proximidades da Praça do Rosário podem ser identificados territórios absolutamente distantes das atribuições da festa, pertinentes aos mistérios da noite, mas que não se furtam à claridade do dia, manifestando o lado humano com seus desejos, suas limitações e suas fraquezas. São os territórios forjados pelo tráfico de drogas e pela prostituição da Rua Sete de Setembro e do Beco do Candeeiro, locais em que é oferecido o prazer carnal em vários prostíbulos disfarçados de bares, além de entorpecentes, que o festante pode, eventualmente, requisitar. Trata-se do espaço profano remotamente vinculado ao sagrado, que dele não depende para existir, uma vez que estes territórios não são constituídos apenas no tempo sagrado da Festa de São Benedito; sua existência transcorre também no tempo ordinário.

As missas que são realizadas no tríduo e no dia da festa atraem um grande número de pessoas e devotos do santo, além de autoridades como o prefeito e o governador de estado. Elas são precedidas por uma alvorada com fogos de artifício que despertam os habitantes da cidade às 4h da madrugada, pois “[...] quando os devotos ouvem os fogos, sabem que é hora de acordar, de se reunir, é hora de celebrar. Aquela é uma hora sagrada”, e “[...] mesmo os visitantes que estão na cidade sabem que o trovoar dos fogos naquele horário é porque algo de importante está acontecendo, é uma convocatória” (MENDES, 2008, p. 49). As missas começam às 5h00, incluindo a do dia da festa que, em épocas pretéritas, era realizada às 9h00 da manhã.

Para a realização das cerimônias litúrgicas, é preciso contar também com o apoio da hierarquia religiosa, pois a Paróquia do Rosário só dispõe de quatro sacerdotes para atender 23 comunidades. E elas não podem ser esquecidas durante a Festa de São Benedito. Verificou-se que em 2010, o arcebispo emérito de Cuiabá Dom Bonifácio Piccinini celebrou, Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

como convidado, a missa do segundo dia do tríduo. Também foi requisitado o auxílio do Padre João Inácio Wenzel, coordenador do Centro Burnier Fé e Justiça, antigo pároco da igreja, que oficiou a missa de abertura dos festejos.

Para cada dia do tríduo é destacado um lema, previamente escolhido, que orienta a reflexão. Geralmente são temas ligados à Campanha da Fraternidade, embora outros possam ser inseridos, como foi o caso do lema do segundo dia, uma referência ao XVI Congresso Eucarístico Nacional realizado no mês de maio em Brasília. Os lemas de 2010 foram os seguintes: “A exemplo de São Benedito, devemos servir a Deus, e não ao dinheiro”, no primeiro dia; “Fica conosco Senhor, como ficaste com São Benedito”, no segundo dia; “Deus em nós, nós em Deus, e São Benedito com seu povo”, no terceiro dia; e “São Benedito nosso protetor: guiai-nos no caminho da justiça, do perdão e do amor”, no domingo.

As missas duram, em média, duas horas, mas não são cansativas, pois não apresentam a rigidez característica da liturgia oficial. As celebrações são criativas e transcorrem com muita animação, dramatizações, cantos e danças, sendo vivenciadas com intensidade pelos participantes. Em alguns momentos ocorrem manifestações de cunho sincrético, em que danças e cantos característicos das religiões afro-brasileiras são apresentados. Ressalta-se que o sincretismo religioso é uma das características da devoção a São Benedito entre os cuiabanos, pois muitos devotos possuem relações com religiões de matrizes africanas, como a umbanda e o candomblé, revelado no hábito, por exemplo, de se frequentar a missa católica na madrugada e o terreiro de umbanda à noite, ou nos inúmeros “despachos” depositados no cruzeiro da igreja que foram observados durante a pesquisa de campo.

Demonstrando a particularidade do lugar sagrado, que sempre deve ser compreendido pela sua força de significação, ao final da missa, os devotos sentem a necessidade de externar sua fé e devoção no santo. Então, numa valorização suprema de sua expressão corporal, em gestos carregados por forte carga simbólica, todos querem tocar e dialogar com a imagem do orago que sai na procissão que encerra os festejos.

No último dia da festa, no fim da tarde do domingo, uma grande multidão se acotovela em toda a extensão e no entorno da Praça do Rosário, comprimindo-se ao redor da igreja. Pouco a pouco a massa de devotos engrossa cada vez mais, portando velas acesas envoltas em pequenas luminárias feitas de vasilhames pet, que servem de anteparo contra o vento que tenta apagá-las. Logo são ouvidos os cânticos e orações do carro de som que acompanha e anima a grande procissão.

Em 2010, diante da grande divulgação que foi realizada pela mídia, havia a expectativa, por parte da Comissão de Festeiros, de um grande comparecimento de público na Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

Procissão de São Benedito, o que levou a uma alteração no percurso da procissão. Tradicionalmente realizada no Centro Histórico, cujas ruas percorria e sacralizava, a procissão teve que ser mudada para a Avenida Historiador Rubens de Mendonça, também conhecida como Avenida do CPA, roteiro que já havia sido testado na festa realizada em 2004. Salienta-se que esses dois roteiros, na vida cotidiana da cidade, são constituídos por diversos fixos sociais, com órgãos e repartições públicas, bancos, escritórios, consultórios médicos, escolas e estabelecimentos comerciais, o que provoca uma agitada coreografia de veículos e pedestres durante o expediente normal de trabalho.

O novo roteiro pela Avenida Historiador Rubens de Mendonça é 61% mais extenso do que o do Centro Histórico, o que amplia e valoriza a dimensão sacrificial própria desse ritual católico. Na mentalidade devocional, quanto maior a graça recebida do santo, maior deve ser o sacrifício em sua retribuição. Essa foi uma opção levada em consideração na reunião da Comissão de Festeiros que decidiu o percurso pelo qual o cortejo deveria marchar em 2010. De acordo com Vagner Pimenta, o novo trajeto além de manter e valorizar as dificuldades do roteiro tradicional, simbolicamente o ampliaria, pois em sua opinião uma procissão só é significativa se implicar em algum sacrifício por parte do devoto.

Um dos momentos mais marcantes da festa do orago tem seu início exatamente às 17h00, quando a porta da Igreja do Rosário se abre e dela saem a cruz processional, a corte festiva do orago portando suas insígnias e o séquito que carrega os andores de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, os três oragos que são cultuados no templo, além das bandeiras votivas. À saída da imagem do padroeiro, escoltada por soldados da Polícia Militar vestidos com fardas de gala e por um grupo de homens que trajam palas azuis, a multidão manifesta-se num delírio de palmas, vivas e acenos de velas. Rostos jovens e outros que ostentam as marcas produzidas pelo tempo, apreciam com olhos comovidos e lacrimejantes a passagem do orago em seu andor de 80 quilos. A ele são dirigidas orações e preces fervorosas, balbuciadas silenciosamente. Contornando a igreja pela praça, o séquito ganha a Rua São Benedito e antes de tomar a Avenida Historiador Rubens de Mendonça, uma parada é realizada nos fundos da igreja para homenagear as cozinheiras e cozinheiros de quem o santo é considerado patrono.

Para o historiador das religiões Mircea Eliade (1999, p. 17) “[...] o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”. Seguindo esta indicação, infere-se que ao deixar a Igreja do Rosário e tomar a Avenida Historiador Rubens de Mendonça com sua legião de devotos, o orago pode ser visto pela cidade em que é cultuado como padroeiro, embora oficialmente não o seja, Revista Eletrônica Geoaraguaia. Barra do Garças-MT. v2, n.2, p 164 - 187. agosto/dezembro. 2012.

sacralizando um espaço profano no qual se desenrola a vida cotidiana de sua população. Quando a procissão passa, serpenteando a avenida, ocorre momentaneamente uma desconstrução do espaço profano, pois nele foi inserido um elemento sagrado. Essa inversão na função da rua, no entanto, é momentânea, passageira, fugaz. Quando a procissão termina, todos retomam sua rotina e o logradouro público volta a se impregnar de práticas profanas, com a rua recuperando suas funções ordinárias.

No deslocamento pela Avenida Historiador Rubens de Mendonça, seguindo um roteiro territorializante, o cortejo passa por vários edifícios, de cujos andares as pessoas acenam, batem palmas e se incorporam às preces entoadas pela multidão. Famílias devotas montam altares na porta de suas casas e iluminam as fachadas com velas. Os transeuntes fazem o sinal da cruz na passagem da imagem do orago. Nos bares e restaurantes, clientes e funcionários demonstram um comportamento respeitoso diante de um dos principais símbolos religiosos da cidade, desligando o som e diminuindo o tom das conversas. Os carros, motociclistas e coletivos que transitam na pista oposta, o fazem de forma lenta e compassada, em um sinal claro de respeito ao sagrado. No momento em que a procissão passa pelo Hospital Amecor uma parada é realizada e numa comovente demonstração de fé e solidariedade, mãos são estendidas e orações são direcionadas pela cura dos que ali padecem. Dessa forma, no deslocamento da procissão são desveladas diversas experiências humanas que o cortejo faz questão de incluir.

Ao alcançar o contorno do Hotel Paiaguás, a procissão retorna para a Igreja do Rosário utilizando a pista oposta da Avenida Historiador Rubens de Mendonça. Então, depois de mais de duas horas de caminhada, em que a claridade do dia foi substituída pelas trevas da noite, iluminadas pelas velas que a multidão carrega, o foguetório e o barulho característico dos rituais públicos marcam a chegada da procissão no território da festa.

Eliade (1999) lembra que a festa religiosa é a reatualização de um evento sagrado que antes só era lembrado e que nela é concretizado. A festa permite aos homens viverem periodicamente na presença dos deuses, já que o calendário sagrado repete anualmente as mesmas festas, ou seja, a comemoração dos mesmos acontecimentos míticos. Desse modo, na Festa de São Benedito, em um tempo e espaço ritualmente demarcados, o devoto sai do curso ordinário de sua vida e integra-se miticamente na festa, pois “[...] é a religião que ‘põe as coisas no lugar’, é o santo que reproduz o modelo hierárquico do mundo em que oromeiro deseja viver” (ROSENDAHL, 1999, p. 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como produto da afirmação da vivência devocional de um grupo, na Festa de São Benedito observou-se que o sagrado, enquanto forma de percepção do mundo e elemento de produção de um território, revela muito sobre a dinâmica existente na cidade, facilitando a compreensão dos mundos vividos por uma parcela significativa de sua população. Neste prisma de análise,

Um olhar geográfico sobre a festa desvelando fronteiras existenciais, a projeção das práticas rituais, a emoção enquanto fundamento construtivo de espacialidade e as marcas da tradição no espaço podem contribuir para uma melhor compreensão do significado de ser humano (MAIA, 2001, p. 196).

Percebeu-se que sendo um lócus marcado por disputas e conflitos que permeiam sua história e que se revitalizam anualmente, para que a festa aconteça, alguns agentes entram em cena com peso diferenciado. Os festeiros, por exemplo, necessitam desembolsar capital e conseguir patrocínios públicos e privados, além de contar com a colaboração dos devotos, sem os quais a celebração fica inviabilizada. Por outro lado, diversos ambulantes e barraqueiros se instalam nas proximidades da festa, projetando territorialidades em novos territórios nos quais o poder de regulação dos administradores do sagrado é praticamente nulo.

Constatou-se que no território da festa ocorre uma qualificação dos espaços em sagrado e profano, muito embora essa distinção expresse muito mais uma refração na oposição entre eles, percebido nas várias celebrações e cerimônias que se desenrolam na festividade. Seguindo essa lógica, averiguou-se que as missas ocorrem na alvorada do dia, enquanto os festejos profanos ocorrem no período noturno; são armados palcos separados para as cerimônias religiosas e as apresentações culturais; e a quermesse no domingo da festa só é iniciada após o recolhimento da imagem do orago que saiu na procissão.

A festa, portanto, em suas expressões, revela as estratégias que o grupo se utiliza para perpetuar um elemento aglutinador que fortalece seu reconhecimento em um território pautado na convivência e solidariedade entre seus pares. Outro aspecto observado é o de que tal manifestação religiosa, pelas características que apresenta, constitui uma forma extraordinária de relacionar-se com o sagrado, sendo a festa considerada uma das manifestações culturais mais relevantes da cidade de Cuiabá. Para o devoto de São Benedito, no entanto, ela é uma vivência.

FONTES ORAIS

Claudio José de Assis, 53 anos. Entrevista realizada em 17/06/2010.

Padre José de Moura e Silva, 82 anos. Entrevistas realizadas em 19/05/2010 e 20/07/2010.

Vagner Luiz Pimenta, 53 anos. Entrevista realizada em 27/07/2010.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DE SÃO BENEDITO. Cuiabá: s.e., 1976.

BARBOZA DE SÁ, J. **Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos**. Cuiabá: EdUFMT, 1975.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. V. 3. p. 83-132.

CORREIOS. **Série arquitetura e festas religiosas: Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito**. Cuiabá, 2010.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

DEL PRIORE. M. L. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JESUS, N. M. A “cabeça da república” e as festividades na fronteira oeste da América portuguesa. In: ROSA, Carlos Alberto; JESUS, Nauk Maria de. **A terra da conquista: história de Mato Grosso colonial**. Cuiabá: Editora Adriana, 2003. p. 105-126.

LIVRETO DA FESTA DE SÃO BENEDITO 2010. Cuiabá: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 2010.

LIVRO TOMBO: Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito: 1945-2008. 3 v.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191-218.

_____. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 177-199.

MAITELLI, G. T. Interações atmosfera-superfície. In: MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs.). **Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005. p. 238-249.

MENDES, M. A. **Festa de São Benedito**: materialidade da fé e identidade do povo cuiabano. 2008. Monografia (Especialização em Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento Regional: aspectos conceituais e tendências) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

_____. **História e Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá: Editora Cafarnaum, 2009.

_____. **Identidade e território**: estudo sobre a devoção a São Benedito em Cuiabá – Mato Grosso. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

ROSENDAHL, Z. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 187-224.

_____. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-153.

Recebido para publicação em 06/06/2012

Aceito para publicação em 12/08/2012